

O PROTAGONISMO DA MULHER NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE CAPOEIRA COMO TEMÁTICA

Ábia Lima de França¹

INTRODUÇÃO

“Sou mulher, sou capoeira
Minha luta é certa
Dou aú, também rasteira
Sou mulher

Não me peça pra me calar
Nem com tiro de canhão
O machismo tenta me levar ao chão
Com força física e dominação

Mas, ninguém parece ver
A relação é de poder
Se questiono dou faniquito ou sou sapatão
Não sou obrigada a viver uma submissão

Respeite o meu jogo, minha ginga e malícia
A liberdade quem me garante é a constituição
Sexo frágil é ilusão, sou mulher

Ocupo todos os espaços
Com beleza e resistência
Sou professora e doutora
Já cheguei na presidência, sou mulher

Vamos todas nessa luta
Contra o machismo e opressão
Em pleno século XXI, libertação”

A discussão se inicia com a música “Sou mulher, sou capoeira”, de autoria de Ábia Lima de França e Josenice dos Santos Guedes a qual discorreu sobre a inserção da mulher na capoeira, abordando sobre o machismo presente na roda; trouxe as conquistas no cenário social, político, econômico e cultural; enfim, demonstrou o protagonismo da mulher na capoeira. Justifico a escolha da temática pela dificuldade na arena profissional, escassez de estudos e lacuna na literatura.

¹ Docente do Curso de Educação Física no Centro Universitário Maurício de Nassau, da Rede Municipal de Educação (Salvador) e da Especialização de Atividade Física e Saúde no Contexto da Educação Básica (UFBA). Formada em Educação Física (UFBA); Especialista em Prescrição de Exercícios Físicos para Grupos Especiais e Reabilitação Cardíaca; Mestre em Educação (UFBA). E-mail: abialimadefranca@hotmail.com

Esse estudo investigativo integrou um capítulo da dissertação intitulada “Capoeira e Educação: Produção do Conhecimento em Jogo” vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFBA, sob orientação do Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro.

No tocante a capoeira, compreende-se que é uma manifestação cultural que mistura elementos artísticos, éticos, estéticos, musicais, técnicos, filosóficos e corporais. Na contemporaneidade ela tem sido objeto de estudo de diversas áreas como: Música, Educação, Dança, Ciências Sociais, História, Antropologia, Artes Cênicas, dentre outras. É inegável a sua contribuição para a formação do povo brasileiro, o processo de ensino e aprendizagem, a qualidade de vida dos sujeitos; tendo sentido e significado para os/as seus/suas praticantes que pode ser explicitado através desse poema de autoria pessoal.

Capoeira é poesia, melodia, dança e luta.

Momento, argumento, ação e contradição.

Permeada de história, oratória de povos africanos
Angolanos, congos, dentre tantos, poderia relatar.

Não posso esquecer os indígenas com suas culturas ricas,
Aqui vieram agregar.

A capoeira é o próprio motivo da existência, da essência
Dos que praticam essa manifestação afro-brasileira
Pode ser definida como arte, malandragem,
Movimento libertário que envolve corpo e jogo,
Ancestralidade e oralidade.

No contexto da capoeira, nas primeiras décadas do século XX na Bahia há indícios de mulheres na capoeira como: Salomé, Adelaide Presepeira, Angélica Endiabrada, Chicão, Catutum, Maria Doze Homens, Maltas de Saias, Rosa Palmeirão, Cattú, Calça Rala, Satanás, Nega Didi, Maria Pará o Bonde, Dandara (OLIVEIRA; LEAL, 2009), também Maria Homem, Julia Fogareira, Maria Cachoeira, Maria Pernambucana, Odília, Palmeirona e Maria Pé no Mato; mas não se tem informações suficientes para traçar o perfil delas, o que se sabe é que tinham comportamentos masculinizados (BARBOSA, 2005). Essas mulheres também sofriam preconceitos por serem “insubmissas” e lutarem por seus espaços sociais de forma subversiva, pois a capoeira era um universo predominantemente masculino.

Para avançar em tal reflexão, será discutido sobre a inserção e permanência da mulher no contexto da capoeira, a partir do levantamento das dissertações e teses sobre capoeira da UFBA e UNEB e das referências dos estudos.

OBJETIVO

(Re) conhecer as produções científicas sobre gênero/mulher e capoeira nas dissertações e teses da UFBA e UNEB e nas referências dos estudos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica por ser desenvolvida a partir de um material já elaborado, chamado de fontes bibliográficas, podendo ser constituído por livros de leitura corrente (obras literárias e de divulgação) ou de referência informativa (dicionários, enciclopédias, anuários e almanaques) ou remissiva (catálogos); também por publicações periódicas (jornais e revistas) e impressos diversos (GIL, 2002).

Com relação ao tipo de pesquisa bibliográfica, foi elegido o “estado do conhecimento” por se tratar de um setor das publicações, dissertações e teses, sobre o tema pesquisado. Esse tipo de levantamento colabora com a sistematização e análise na definição de um campo, também pode cooperar com as rupturas sociais (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

É valido acrescentar que na referida pesquisa foram encontradas 48 produções científicas, dissertações de mestrado e teses de doutorado, sobre capoeira defendidas na UFBA e UNEB de 1998 a 2017, e apenas duas dissertações versaram sobre gênero/mulher e capoeira. A partir disso, foi feito um levantamento de referências das citadas produções científicas, sendo achado 216 títulos bibliográficos (autores e autoras) e 409 textos (obras) sobre capoeira, tendo apenas 14 artigos retratando sobre a temática.

RESULTADOS

Pode-se constatar a invisibilidade dessa temática no levantamento das dissertações e teses sobre capoeira na UFBA e UNEB, mesmo que defendidas por mais mulheres do que homens, logo a seguir, **exibe-se o quantitativo de produções científicas por gênero.**

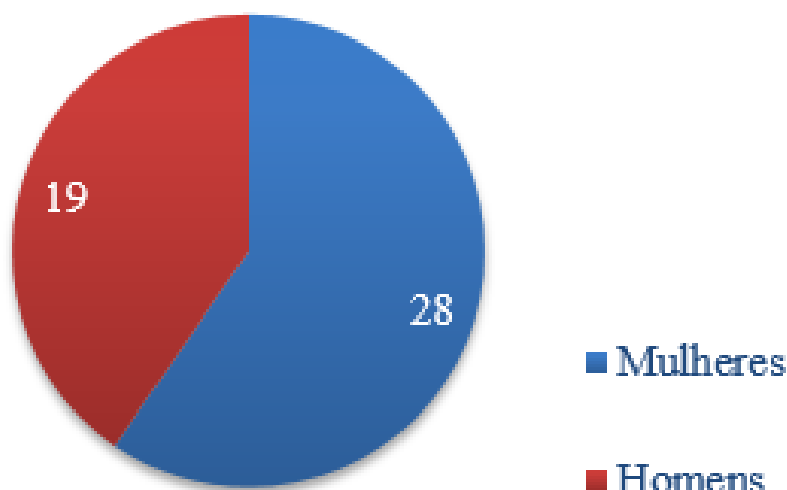


Gráfico 1- Distribuição da produção científica sobre capoeira na UFBA e UNEB por gênero. Arquivo: Elaborado pela autora.

Apesar de ser observado que 28 produções científicas foram escritas por mulheres, somente duas dissertações fizeram o recorte de gênero, e uma, especificamente, trouxe a mulher como a temática principal, no entanto algumas pesquisas apresentaram o assunto nos capítulos e/ou subcapítulos. Logo abaixo, será apresentado o quadro 1 com informações dos referidos estudos.

Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	ORIENTADOR/ ORIENTADORA	PROGRAMA
1	2015	Ivanildes Teixeira de Sena	Do ventre da capoeira, marcas de gente, jeito de corpo: um estudo das relações de gênero na cosmovisão africana da capoeira angola	Suely Aldir Messeder	Mestrado (Pós-crítica)
2	2017	Daniela Sacramento de Jesus	Quando mulheres se tornam capoeiristas: um estudo sobre a trajetória e protagonismo de mulheres na capoeira	Jamile Borges da Silva	Mestrado (PÓS-AFRO)

Quadro 1- Dissertações sobre gênero/mulher e capoeira na UFBA e UNEB Arquivo: Elaborado pela autora.

É digno de nota que a dissertação de Ivanildes Teixeira de Sena tratou sobre a capoeira angola numa visão cosmoafricana e as relações de gênero. A autora discutiu as tensões e as influências dos valores ideológicos da cultura ocidental na capoeiragem situando os corpos femininos e masculinos, também discutiu sobre a hierarquização do poder que pode acirrar a divisão de papéis. Já o estudo de Daniela Sacramento de Jesus não está disponível nas plataformas digitais. Dessa forma, o foco será nas referências das pesquisas que versaram sobre gênero/mulher e capoeira.

Louro assinalou que as “ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História e, mais recentemente, algumas publicações, filmes etc. vêm se preocupando em reconhecer essas ações” (2014, p.18) que se iniciaram na década de 60, mas historicamente as mulheres foram (e ainda são) invisibilizadas em diversos/as cargos, funções, espaços e produções científicas.

No tocante a essa discussão, pode ser citado o entendimento ainda cunhado por Louro que não nega as questões biológicas entre os sujeitos, mas compreende as suas características sexuais na prática social. A autora propôs superar a lógica dicotômica entre homem e mulher, “o problema que permanece é o de conceber as diferenças (sejam elas culturais, sociais, subjetivas) ‘em relação ao homem - sendo ele a medida, o padrão, a referência de todo discurso legitimado’ (2014, p.37).

Nesse sentido, para alargar e dar a visibilidade a essa discussão será tratado as 14 (3%) produções científicas encontradas de um universo de 409 obras (livros, artigos, dissertações, teses, DVDs e CDs) sobre capoeira, conforme a Tabela 1.

Nº	AUTOR/AUTORA	REFERÊNCIA
1	ARAS, Lina M. B. de e OLIVEIRA, Josivaldo Pires de	ARAS, L. M. B. de e OLIVEIRA, J. P. de. “Mulheres Perigosas’: capoeiras, arruaceiras e navalhistas na cidade do Salvador (1910-1935)”. In: VIII Simpósio Baiano de Pesquisadora (e)s sobre Mulher e Relações de Gênero . Salvador: UFBA/NEIM, 2002.
2	ARAÚJO, Rosângela Costa	ARAÚJO, R. C. Capoeira: Obrigações de Gênero e Sexualidade . Trabalho apresentado durante o evento II Desfazendo Gênero, Universidade Federal da Bahia, setembro de 2015.
3	BARBOSA, Maria Jose Somerlate	BARBOSA, M. J. S. A Mulher na Capoeira. Arizona journal of hispanic cultural studies , V.9, 2005.

4	BARBOSA, Maria Jose Somerlate	BARBOSA, M. J. S. A representação da mulher nas cantigas de capoeira. Disponível em: http://www.plcs.umassd.edu/plcs12texts/barbosajun162006.doc . Acesso em: 02 out. 2008.
5	FERNANDES, Carla Cristiane; SILVA, Paula C. da C.	FERNANDES, C. C.; SILVA, P. C. da C. Um Estudo Sobre A Participação Feminina Na Capoeira Em Campinas. São Paulo: 2009.
6	FIRMINO, Camila Rocha	FIRMINO, C. R. A participação das mulheres na capoeira: uma análise das relações de gênero. Fazendo Gênero- Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST67/Camila_Rocha_Firmino_67.pdf . Acesso em: 23 de nov. de 2017.
7	LEAL, Luiz Augusto Pinheiro e PANTOJA, Letícia Souto	LEAL, L. A. P. e PANTOJA, L. S. “Das bulhas e vozerias: a presença de mulheres na capoeira, em Belém do Pará no final do século XIX”. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda e SANTOS, Eunice Ferreira (Org.).
8	MACHADO, Sara Abreu da Mata; ARAÚJO, Rosângela Costa.	MACHADO, S. A. da M.; ARAÚJO, R. C. Ginga de mulheres: luta pela autonomia na roda. In: XI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 11 a 14 ago. 2015, Salvador. <i>Anais...</i> Salvador: Enecult, 2015.
9	MENEZES, Lilia Benvenuti de	MENEZES, L. B. de. A mulher na capoeira. <i>Revista Textos do Brasil-Capoeira</i> : Ministério das Relações Exteriores, Distrito Federal, n.14, s/p, 2008.
10	OLIVEIRA, Denis	OLIVEIRA, D. Capoeira Angola, luta de mulheres In: <i>Revista Toques d'Angola</i> , Ano III, nº4, Brasília, São Paulo e Salvador, novembro, 2005. P.8-9.
11	OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro	OLIVEIRA, J. de; LEAL, L. A. P. Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeiragem no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.
12	SOUZA, Eliana Glória Reis da Silva	SOUZA, E. G. R. da S. Capoeira: sua História e as Relações de Gênero. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010.
13	SOUZA, Eliana Glória Reis da Silva	SOUZA, E. G. R. da S. Capoeira regional: representações sociais das mestras e formandas sobre sua inserção e situação no ensino da luta no Rio de Janeiro. 2011. 167 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Atividade Física). Universidade Salgado De oliveira. Niterói-RJ.
14	ZONZON, Christine Nicole	ZONZON, C. N. Gênero, malícia e tradição. In: SIMPLÍCIO, Franciane; POCHAT, Alex.(Orgs) Pensando a capoeira: dimensões e perspectivas. Rio de Janeiro: MC&G 2015 (Coleção Capoeira Viva, 3).

Tabela 1- Textos que abordaram sobre a questão de gênero nas referências das dissertações e teses de capoeira na UFBA e UNEB.

Arquivo: Elaborado pela autora.

Diante disso, destaca-se que das 14 referências citadas acima, quatro autores/as defenderam dissertações e teses sobre capoeira na UFBA, o que demonstrou que a discussão e a produção do conhecimento sobre a inserção e permanência da mulher na capoeira na Universidade ainda são ínfimas. É válido acrescentar que a UFBA, desde 1995, acolheu o primeiro Programa de Pós-Graduação

em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) do Brasil e da América Latina, tendo no quadro de pessoal a autora Rosângela Araújo, conhecida como Mestre Janja. A referida docente foi uma das primeiras mestras de capoeira da Bahia, há alguns anos vem produzindo estudos e promovendo eventos que contribuem na luta antissexista e antirracista.

Para Fernandes e Silva (2009), havia diferenças nos exercícios para homens e mulheres, estas deveriam fazer exercícios para construir o corpo feminino e suportar a tarefa da reprodução, logo o mais indicado era trabalhos manuais, jogos infantis, ginástica educativa; e não lutas, esportes etc. que eram destinados aos homens. Além disso, a mulher era vista como sexo frágil e estava ligada aos afazeres domésticos e as questões familiares (SANTOS, 2011). Essa concepção de sexo frágil ainda é reproduzida pelos homens e algumas mulheres na atualidade, de forma que as construções históricas e sociais das diferenças biológicas são utilizadas para estabelecer relações de poder e interesses que tornam as mulheres dominadas pelos homens (MACHADO; ARAÚJO, 2015).

Além disso, Figuerôa e Silva (2014) apontam que as relações de poder perpetram que as mulheres têm características emotivas, medrosas e indecisas, enquanto os homens são corajosos, racionais, atrevidos e audaciosos, logo esses são exemplos a seguir. No entanto, é perceptível e recorrente que essas características citadas podem estar presentes ora em algumas mulheres e ora em alguns homens simultaneamente, pois o patriarcado propicia poderes aos homens e lhes dá responsabilidades em todas as subestruturas culturais e sociais (SANTOS, 2011).

Nessa perspectiva, apesar de haver indícios de mulheres no contexto da capoeira envolvidas em conflitos sociais, também, de acordo com Waldeloir Rego, escondendo as armas dos capoeiras e avisando quando a polícia chegava nos locais, elas eram proibidas de praticar capoeira. Fato que muda em 1979 quando o Conselho Nacional dos Desportos libera a prática de artes marciais para as mulheres, pois diversas atletas mudavam seus nomes para participar das competições e eram as vencedoras (FERNANDES; SILVA, 2009).

Barbosa (2005) aponta que as quitadeiras e baianas, geralmente, estavam próximas das rodas de capoeiras, inclusive há registros de músicas, como “Dona Maria que vende aí”, mostrando uma relação da mulher com a capoeira. É digno de nota que Maria Jose Somerlate Barbosa no seu estudo “a representação da mulher nas

cantigas de capoeira” analisa 375 cantigas de capoeira e constata que 25% aborda sobre a representação feminina na sociedade e capoeira, inclusive algumas dessas são pejorativas, pois comparam as mulheres com cobras peçonhentas, traiçoeiras, infiéis, falsas; estimulam a aplicação de castigos físicos e psicológicos nas mulheres, desejam suas mortes, dentre outros.

Perante o exposto, posteriormente houve um crescimento do número de mulheres na capoeira devido a diversos fatores como: surgimentos dos movimentos feministas; expansão da capoeira nas escolas, nas universidades, nos grupos folclóricos, na *internet*; internacionalização da capoeira; inclusão da capoeira nos programas educacionais; apoios dos intelectuais à capoeira no Brasil; organização de eventos; aumento da publicação sobre capoeira; infiltração da cultura negra na mídia; modernização da família no Brasil; atitudes menos machistas de mestres, contramestres de capoeira; política de Estado que eleva a capoeira como esporte nos 70 e em 80 incorpora ao projeto estatal como patrimônio cultural (BARBOSA, 2005).

O ano de 1980 também marca o ápice das conquistas das mulheres na sociedade como: não obrigatoriedade do casamento, acesso à educação, difusão dos métodos anticoncepcionais, escolha de não ter filho, aumenta a oportunidade de uma vida profissional e formatura da primeira mestra de capoeira (FIRMINO, 2008), Fátima Colombiano (Mestra Cigana)². Depois, os estudos trazem outros nomes como: Tiza Coelho (Mestra Tiza)³, Maria Eugênia Poggi (Mestra Gegê)⁴, Rosângela Costa Araújo (Mestra Janja)⁵, Edna Lima (Mestra Edna)⁶; também Mestra Cristina, Mestra Elma, Mestra Brisa; Mestra Sílvia, Mestra Jerusa, Mestra Maria Pandeiro (FALCÃO, 2004),

² “The first woman to become a mestre was Fátima Colombiana (M. Cigana), who graduated in 1980 under M. Canjiquinha” (ASSUNÇÃO, 2005, p.180). Começou a treinar em 1970 no Pará com o Mestre Bezerra, em 1975 conheceu Mestre Canjiquinha em São Paulo e foi para Salvador treinar capoeira com ele (SANTOS, 2011).

³ Nasceu no Rio de Janeiro, começou a treinar em 1981 com Mestre Garrincha. Posteriormente, mudou-se para a Europa em 1991, ensinando capoeira e fazendo apresentações, já viveu em Boston, EUA e Nova Iorque, treinou com Mestre João Grande em 1994. Muda-se para Serra Grande na Bahia, em 2004, e desenvolve seu trabalho com a capoeira nas escolas, comunidade e academia (MACHADO, 2016).

⁴ Começou a treinar capoeira em 1993, reside e desenvolve trabalhos com a capoeira em Valença, no estado da Bahia (MACHADO, 2016).

⁵ Nasceu em 1960 em Feira de Santana (LACERDA, 2016), iniciou capoeira em 1981 no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, foi formada por Mestre Moraes, posteriormente fundou o Grupo Nzinga de capoeira em 1995 (SANTOS, 2011).

⁶ Foi formada pelo Mestre Tabosa em 1981, quando tinha apenas 20 anos (SANTOS, 2010).

Mestra Jararaca⁷, Mestra Isa Mulatinho⁸ e Mestra Shirley Guerreira⁹ as quais têm desenvolvido significativos trabalhos no Brasil e no Exterior (SANTOS, 2011). Depois desse período, os números de mestras, contramestras, professoras e movimentos feministas aumentaram significativamente. O Gráfico 2 apresenta o mapeamento¹⁰ de mestras de capoeira por estados do Brasil realizado por França e Guedes (2017).

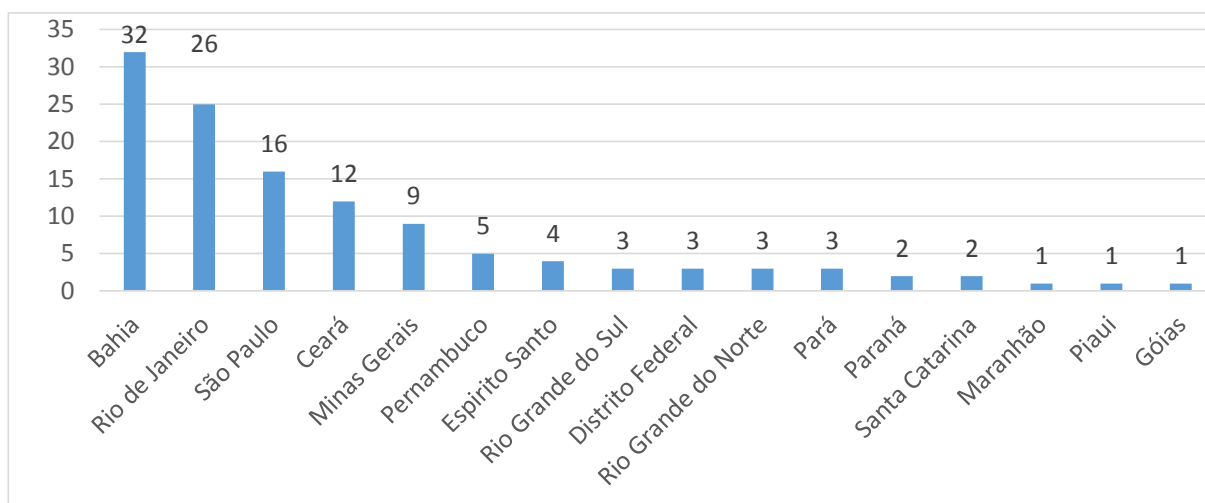


Gráfico 2- Mapeamento de Mestras de Capoeira nos estados do Brasil.
Arquivo: Elaborado por França e Guedes (2017).

A partir da análise, pode-se perceber que liderou o quantitativo o estado da Bahia, em seguida Rio de Janeiro, São Paulo e Ceará tendo a presença de mestras em 16 estados dos 27 que existem no Brasil. É digno de nota que o mapeamento foi atualizado até março de 2018, podendo ser incluído nomes de mestras ao surgirem no decorrer de outros estudos. A seguir no Gráfico 3, é demonstrado o mapeamento de mestras por países.

⁷ Valdelice Santos de Jesus, consagrada a Mestra de Capoeira Angola em 2001 por Mestre Curió (CONRADO, 2006).

⁸ Nascida em Recife, iniciou na capoeira na década de 1980 (LACERDA, 2016).

⁹ Nascida em Santo Amaro, foi formada mestra em 2010 (LACERDA, 2016).

¹⁰ O mapeamento das mestras de capoeira de Salvador foi iniciado em junho com a finalidade de ganhar o edital Capoeira Viva Salvador N°003/2017, da Fundação Gregório de Matos, e assim poder realizar uma exposição fotográfica e biográfica no Forte da Capoeira em homenagem e reconhecimento a 18 mestras e contramestras que difundem a capoeira no município de Salvador, porém ficamos como suplentes.

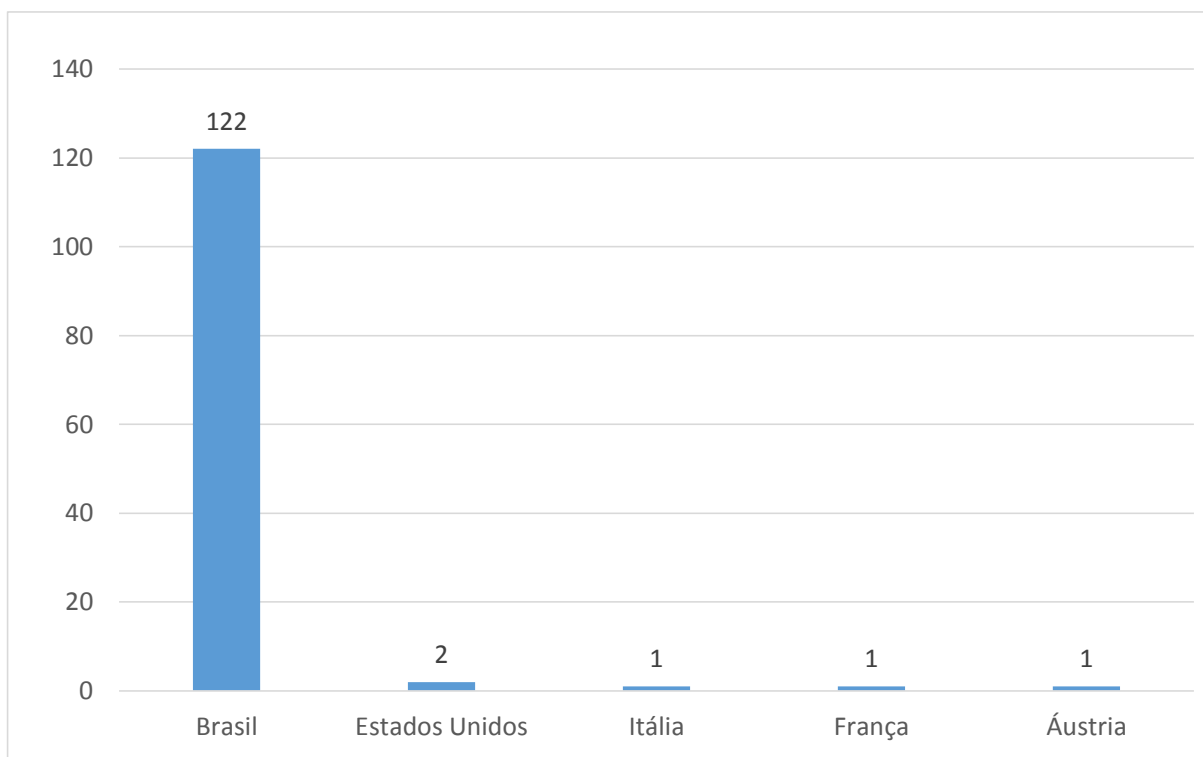


Gráfico 3- Mapeamento de Mestras de Capoeira no Brasil e Exterior.
Arquivo: Elaborado por França e Guedes (2017).

A partir do gráfico 3, percebe-se que o Brasil se destacou com o quantitativo de mestras, inclusive pelo fato de o surgimento da capoeira ter se dado neste país, mas ainda é preciso novos estudos que tragam as biografias e histórias dessas mestras, bem como constantes atualizações de informações que surgem diariamente. Machado e Araújo (2015) diz que a quantidade de mestras e contramestras ainda é pequena, confirmado também por Falcão (2004), sendo parcialmente compreendido por ser ainda recente a sua participação, mas é preciso ter um maior investimento na promoção das mulheres nos diversos grupos.

Tal realidade evidenciou que mesmo a mulher tendo conquistado espaço na capoeira, ainda sofre violência física e/ou simbólica por meio de algumas discursos, ações e atitudes machistas debatidas, sentidas e escritas por mulheres capoeiristas como: “Mulher não joga bem, pois não tem força física e é frágil”, não reconhecimento de mulheres com as mesmas graduações de homens, “falta de respeito no pé do berimbau”, bênção forte no abdômen e bagunça de cabelo da mulher, “pisar na perna”, “golpe na cabeça, demonstração de virilidade”, argumento de que “mulher apanha porque dá motivo ou gosta”, “vetada de tocar instrumentos” ou “pega nos instrumentos coadjuvantes”, bateria formada só por homens, menos tempo de jogo, estímulo a competitividade, cantigas que estimulam

a violência, não reconhecimento de mestras de capoeira, naturalização da postura de um mestre por ser antigo (pegador e machista), “mulher ser carregada no colo, beijo no pescoço, tapa no glúteo”, “olhares e corpos esquisitos”, “mestre dificulta a formação da mulher”.

As mulheres vêm trazendo seus universos diversificados, suas singularidades, a ampliação do diálogo e do senso do cuidado, suas estéticas, suas estratégias de luta e principalmente seus questionamentos diante da naturalização dos machismos e sexismos dentro e para além da capoeira (MACHADO; ARAÚJO, 2015, p.2).

Zonzon (2017) ainda acrescenta que a mulher ainda carece ‘brigar pelo gunga’, não toca berimbau, não puxa o canto; além de ser exposta a situações de humilhações de caráter sexual, sofrer golpes dados com força suficiente para machucar e tomar rasteiras que desmoralizam, gerando cansaço, revolta e indignação, o que contribui para a evasão das mulheres na capoeira. A autora ainda defende que a “presença de mulheres na posição de mestre – no caso, de mestra – oportuniza mudanças ainda mais radicais no sentido de substituir modelos de comportamentos herdados da malandragem masculina por representações de excelência associadas a figuras femininas” (2007, p. 90).

Na capoeira, nós, mulheres estamos utilizando várias estratégias para demarcar nossa presença, e uma delas são as rodas femininas como atitude política, onde o poder, a liderança, organização, desenvolvimento e conclusão do ritual, tocado, cantado e jogado é de total responsabilidade, compreendendo essas rodas como um símbolo político e não como uma separação que vai de encontro com princípios fundamentais da arte e metodologia plural de constituição da capoeira (CONRADO, 2006 apud MIRANDA FILHO, 2008, p.72).

A partir disso, é válido ressaltar que tem aumentado o protagonismo das capoeiras na organização de simpósios, rodas de integração, seminários, workshops, encontros e conferência também na condução de coletivos feministas tanto no Brasil como no Exterior. Fazendo o recorte do estado da Bahia temos as seguintes ações e coletivos: “Dona Maria, Como Vai Você”¹¹, “Vadeia Sinhá e Sinhô”¹², “Mulher na Capoeira tem Axé”¹³, “Mulher Que Ginga”¹⁴, “Rasteira Feminina”¹⁵, “Ginga

¹¹ Coordenado pelas professoras Índia e Caracol.

¹² Integrantes professora Paulinha, formada Virginia, instrutoras Josélia, Mayne, Milena; e Sinhá.

¹³ Coletivo de mulheres capoeiristas do Portal do Sertão e demais territórios de identidade, tendo na liderança contramestra Nzinga e formada Negona. Disponível em: <http://www.cn1.com.br/noticias/18/39310,cidade-do-saber-recebe-5-mulher-na-capoeira.html>.

¹⁴ Coordenadora: Contramestra Jacarandá.

¹⁵ Composto por: Ábia Lima, Daniela Borges, Jeane Gomes, Josenice Guedes e Thiago Freitas.

Feminina”¹⁶, “Pimentas de Angola”¹⁷, “Marias Filipas”¹⁸, “Mariáh”¹⁹ e “Roda de Integração Feminina”²⁰ que realizam diversos eventos ao longo do ano, que contribuem, em sua maioria, para o empoderamento da mulher e para a luta antissexista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, por meio do estudo investigativo foi possível notar que existe ínfimas pesquisas retratando de gênero/mulher e capoeira, pois de um universo de 48 dissertações e teses de capoeira na UFBA e UNEB só foi encontrado 2 dissertações que fizeram esse recorte. E também através do levantamento das referências dessas produções científicas essa temática representou 3% de um total de 409 obras literárias.

Nesse sentido, para avançar na discussão e inserção bem como permanência da mulher na capoeira é preciso (re)criar espaços de diálogos democráticos nas escolas, nas universidades e nas comunidades; dar visibilidade às novas personagens e narrativas; conhecer as biografias e histórias de mestras de capoeira; estimular o protagonismo da mulher na produção científica; (des)construir conceitos e discursos que contribuam para o aumento da desigualdade de gênero; compreender as lutas cotidianas que interferem na dedicação e tempo das mulheres na capoeira; fomentar políticas públicas de combate à violência contra a mulher; dar o mesmo tratamento aos homens e às mulheres nos treinos e nas rodas de capoeira.

¹⁶ Responsável Mestre Geisa.

¹⁷ Criado por Adriana Albert Dias (Professora Pimentinha).

¹⁸ Composto por: Ábia Lima, Adriana Dias, Christine Zonzon, Luisa Pimenta, Lígia Vilas, Vanessa e Joana Marçal.

¹⁹ Conduzido por Conrastrestra Lilo.

²⁰ Componentes: Africana, Atitude, Caí Caí, Drika, Índia e Kabod.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, M. **Capoeira: the history of an afro-brasilian art.** London, New York: Routledge, 2005.

BARBOSA, M. J. S. **A Mulher na Capoeira.** *Arizona journal of hispanic cultural studies*, V. 9, 2005.

CONRADO, A. V. de S. **Capoeira angola e dança afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia.** 2006. 200f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

FALCÃO, J. L. C. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana.** 2004. 394 f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

FERNANDES, C. C.; SILVA, P. C. da C. **Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas.** São Paulo: 2009.

FIGUERÔA, K. M.; SILVA, M. M. e. **Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira.** *ALESDE*, Curitiba, v.4, n.2, p.16-31, set. 2014.

FIRMINO, C. R. **A participação das mulheres na capoeira: uma análise das relações de gênero.** In: *Fazendo Gênero- Corpo, Violência e Poder.* Florianópolis, 2008. **Anais eletrônicos....** Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST67/Camila_Rocha_Firmino_67.pdf. Acesso em: 23 de nov. de 2017.

FRANÇA, Á. L. de; GUEDES, J. dos S. **A (in)visibilidade da mulher em jogo: mapeamento de mestras de capoeira.** In: *II SEMINÁRIO GRIÔ*, 2017, Salvador (Comunicação oral).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LACERDA, A. P. de. **Políticas públicas de cultura para a capoeira em uma perspectiva intercultural: o que pensam os mestres de capoeira.** 2016. 380f. Tese (Doutorado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 16ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MACHADO, S. A. da M.; ARAÚJO, R. C. **Ginga de mulheres: luta pela autonomia na roda.** In: *XI ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, 11 a 14 ago. 2015, Salvador. *Anais...Salvador: ENECULT*, 2015.

MACHADO, S. A. da M. **Baobá na Encruzilhada: Ancestralidade, Capoeira Angola e Permacultura.** 2016. 300f. Tese (Doutorado). Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MIRANDA FILHO, V. F. **Produção do conhecimento sobre capoeira: uma análise a partir das teses do Departamento de Educação III- FAGED/UFBA (1993-2006).** 2008. 91f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

OLIVEIRA, J. P. de; LEAL, L. A. P. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeiragem no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2009.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set/dez. 2006.

SANTOS, S. M. dos A. Mulher e capoeira: reflexões da convivência, lugar social e participação na diversidade. In: Grupo Conviver (Org.). **Diversidade e Convivência: construindo saberes.** Salvador: EDUFBA, 2011. p.15-40.

ZONZON, C. N. **A Roda da Capoeira Angola: os sentidos em jogo.** 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

ZONZON, C. N. **Nas rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição.** Salvador: EDUFBA, 2017.